

PAZ E BEM-ESTAR CONSTRUEM-SE COM FORÇA E TRABALHO DO POVO

A discussão franca e aberta dos problemas causados pelos bandidos armados, pelos candonqueiros e as formas de superar a fome e a nudez, constituíram o tema do comício que, na passada terça-feira, o Presidente Samora Machel orientou em Chibuto, província de Gaza.

O Presidente Samora Machel sublinhou a necessidade de impor um exercício rigoroso do poder, para combater e aniquilar os inimigos que tentam sabotar a construção do bem-estar. O debate desenvolvido entre o Chefe do Estado e a população, clarificaram-se questões cuja compreensão é essencial para a resolução dos problemas que afectam o País.

socorrer, aperta-lhe o pescoço com força. Por mais que elas te batam, continua a apear-lhe o pescoço com força. Escutem bem isto! Não tires nem uma mão, porque se a tirares, os amigos que querem ajudar o teu inimigo, vão tirar-te a outra. Assim, o teu inimigo salva-se e tu morres.

Do que querem que conversemos? Qual vai ser a agenda da nossa reunião? A estas questões postas pelo Presidente Samora Machel, a população respondeu sucessivamente e em coro:

mais valor? (Resposta do povo: aquele que mata vinte inimigos). Porque é que há fome no nosso País? (Resposta do povo: a seca, a falta de chuva, a falta de terra para cultivar.)

Por isso, viemos a Chibuto para compreender muitos problemas, alguns criados pela seca e outros pelo sabão, o óleo de cozinha, o petróleo, as capulanas, as enxadas, as catanas, os machados, os pregos, os martelos.

Uns morriam nas minas, mas outros voltavam carregados de tuberculose e morriam cá, deixando mulher viúva e filhos órfãos. Deixavam-nos a cargo de quem? Quem era o responsável desta situação? (Resposta do povo: O colonialismo.)

Outros eram mandados para Xinavane, para as plantações de Magwevane. Quando dos em valas comuns. E vocês, senhoras, recebiam algum subsídio pela morte dos vossos maridos? Recebíam alguma informação sobre a sua morte? (Resposta do povo: Não.) Ou só tinham conhecimento disso por alguém que tinha estado nas machambas de Magwevane?

Quando alguém completava um ano de trabalho nas machambas de Xinavane, mandavam-no regressar a casa dizendo: «já acabaste, pagaste o imposto». Estão a ouvir senhoras? Esqueceram-se? (Resposta do povo: Não.) Agora deixam os criminosos à solta. Produzem para

Quando prenderes uma pessoa e apareceres cinco, dez ou mais amigos dela, não a largues. Aperta-a bem e diz: este vai morrer comigo. Depois de o matares, eles vão largar-te e apenas dirão: matar uma pessoa (Aplausos).

Penso que já nos compreendemos. Vimos o problema da fome e da nudez. As suas causas principais estão localizadas.

O programa do Governo da RPM visa, precisamente, matar em primeiro lugar a fome, do Rovuma ao Maputo. E venceremos.

CANDONGUEIRO BANDO DESARMADO

Sobre os Candongueiros. Qual a diferença entre o especulador, o ladrão e o bandido armado? (Resposta do povo: Nenhuma.)

Qual é a diferença entre o especulador, o ladrão e o candongueiro? (Resposta do povo: Nenhuma.)

Qual é a diferença entre o ladrão, o candongueiro, o especulador e o bandido armado? (Resposta do povo: É tudo a mesma coisa.)

Então, estamos a brincar com o poder.

Também temos a fome, a falta de roupa, porque não conhecemos o ladrão, o candongueiro e o especulador.

Não estamos a definir correctamente os inimigos actuais do Povo Moçambicano, da nossa Independência, da revolução moçambicana, do sistema socialista que estamos a construir.

Durante o colonialismo sabíamos perfeitamente como os colonos portugueses exerciam o poder: era com a palmatória, com o cavalo-marinho, com as algemas, com a morte.

Assim, quando as autoridades do Governo colonial nos mandavam limpar a estrada, nós limpávamos, apesar de sabermos que era a estrada que permitia ao Chefe de Posto e ao sipão vir prender-nos. A estrada que permitia ao colono vir cobrar-nos o imposto. Estrada que permitia a circulação dos carros dos colonos, para virarem humilhar as nossas mulheres e as nossas filhas.

Quando lutares contra alguém e conseguires agarrar-lhe o pescoço, com as duas mãos, não o largues. Se chegarem pessoas, amigos dele, para o socorrer, aperta-lhe o pescoço com força.

Não era isso? Os colonos portugueses exerciam o poder assim.

(Continua na seguinte)

- bandidos armados
- candongueiros
- fome
- nudez.

Vamos falar dos bandos armados, dos candongueiros, da fome, da nudez. Viram como se faz a agenda? Mas por onde começar quando a agenda é tão difícil? Vocês fizeram uma agenda muito difícil!

A terra é considerada Pátria quando nela há tranquilidade. Ela é considerada Pátria quando as pessoas que a habitam vivem em tranquilidade. A terra tem valor quando as pessoas que nela habitam, os donos da terra, vivem em tranquilidade. A terra e a Pátria existem e são construídas pelas pessoas. Mas estas pessoas, quando vivem na escravidão, quando são escravas, quando em conjunto são espezinhadas e diminuídas, não são pessoas. E, então, não existe terra.

Em toda a parte do mundo os povos querem a paz. Em toda a parte do mundo os povos lutam e aceitam morrer para conquistar a paz. Os povos aceitam morrer, aceitam sacrifícios, aceitam todas as privações, todas as dificuldades para fazerem a paz.

Os povos amam, em primeiro lugar, a paz, a liberdade, a Independência. A liberdade e a Independência são inseparáveis da paz. Sem a Independência, sem a liberdade, não há paz.

Se alguém pretender alguma coisa sem nada fazer, nada terá. Se alguém quiser comer maçaroca sem produzir maçaroca, não a comerá. (Aplausos).

Recordo-me de que, quando era jovem, muitos jovens preferiam abandonar a sua terra durante dezito meses, durante dois anos, para irem para as minas da África do Sul, cruzando constantemente com a morte. A procura de quê? (O povo respon-

país? (Resposta em uníssono: por causa da seca).

Então vou fazer-vos compreender duas coisas.

Lutámos durante dezenas de anos para conquistar a Independência. Chibuto era a sede do Império de Gaza. Todos recordamos Sochangana, Muizila, Maguiguana até Gungunhana. Mawsew prejudicou-nos um pouco, traiu. Isto é a nossa história... Em

tata-reno e muitas outras coisas. Mas, quando não há chuva, não produzimos. Não produzimos feijão-manteiga, feijão-branco, cebola, alho, grão-de-bico porque não há chuva. Não produzimos o milho que nos alimenta porque não há chuva. E, porque não chove, também não produzimos amendoim, mandioca, castanha.

Temos falta de comida no País porque somos também vítimas das

las bandidos armados. Não é assim? (Resposta: sim — Aplausos).

CRIMES DOS BANDOS ARMADOS

Temos conhecimento de que os bandidos armados queimaram casas, roubaram camas, cobertores, lençóis de cabeça, blusas, vestidos, saias, capulanas, enxadas, queimaram tractores. Neste momento, o Presidente Samora Machel mostrou alguns artigos roubados pelos bandidos armados e que foram recuperados pela acção das FPLM. Ouviu-se um forte clamor na assistência, seguido de aplausos.

Quer dizer, os bandos armados queimaram os instrumentos, destruíram os meios de produção. Agora, tendo os dois braços, tendo os dez dedos das mãos mas sem enxada, pode-se expulsar a fome?

Nos sabemos que os bandos armados raptaram crianças e levaram-nas para o mato, sabemos que raptaram as nossas mães, as nossas mulheres, os nossos filhos, os nossos avós, os nossos pais. Então quem ficou a produzir? Mesmo se tivesse chovido, quem ficava a produzir? (A população manifesta a sua compreensão através de aplausos e tocando chipalapala).

Nos sabemos que os bandos armados andaram a colocar minas nas estradas, que os bandos armados roubaram as nossas bicicletas, as nossas motocicletas, que os bandos armados queimaram carros, camiões, machimbombos com passageiros. Se tivesse chovido, teriam produzido. Mas como teríamos feito a comercialização dos vossos produtos? Se o machimbombo não circulava, se o camião com mercadorias — capulana, sal, chá, açúcar — é queimado pelos bandos armados, podemos comprar os produtos da população? (Resposta em uníssono: — NÃO).

Nos sabemos que os bandos armados roubaram as mercadorias que estavam na loja. Roubaram o sal, o

os serrates. Podemos assim escapar à fome e à nudez?

(Resposta em uníssono: — NÃO). Sabemos que os bandos armados raptaram professores. Quem ficou a ensinar a maneira de matar a fome?

(Resposta do povo: Ninguém). Se o aluno é raptado, quem fica a aprender na escola como se constrói a bela aldeia na zona do regadio do Vale do Limpopo?

Nos não temos cobertores, mas o bandido armado tem. Onde é que o bandido armado comprou essa manta? Onde o bandido comprou essa bicicleta? (Resposta popular a estas questões: Roubou). Se ele roubou, com que ficaram vocês? (Resposta: Com nada). Se o bandido armado vos rouba a manta, o vestido, a blusa, a capulana, o sapato, o que irão vestir? (Resposta: Nada).

Então, há duas causas que provocam a nudez: não temos produzido porque não choveu e o bandido armado que nos roubou.

E aqui devemos saber escolher. Não temos força para fazer cair a chuva. Mas podemos acabar com os bandidos? (Resposta do Povo: Sim).

O EXERCÍCIO DO PODER

Oçam muito bem: no passado sentimos que fomos acabando, alimentando o colonialismo. Fomos para as minas na África do Sul, vendidos, 200 mil homens por ano, provenientes das províncias de Gaza, Inhambane e Maputo. Em cada ano, 3500 a 4000 homens moçambicanos morriam na África do Sul, um número quase igual a gente que está aqui presente. Eram homens que deixavam mulher e filhos.

Morriam jovens, na flor da idade, deixando as suas noivas. Vocês que estão aqui conosco sabem. Conhecem os vossos amigos que morreram na África do Sul. Morreram e não se sabe onde estão sepultados. O dinheiro que ganhavam não era para eles, era enviado para Portugal.



de: à procura de dinheiro). Dinheiro para fazer o seu casamento, o seu lar, para depois terem os seus filhos. Então, quando a pessoa tem dinheiro, casa-se. E, depois do casamento, todos nós vamos ter com ela, felicitamo-la e dizemos-lhe: «Tiveste sorte porque estiveste nas minas da África do Sul e escapaste da morte, não morreste, ficaste vivo e conseguiste o que querias».

A LIBERDADE É UMA CONQUISTA

A Independência, a liberdade conquistam-se. Cruza-se constantemente com a morte, enfrenta-se a morte, desafia-se a morte para se conquistar a paz, a Independência, a liberdade.

Se alguém pretender alguma coisa, o que deve dizer em primeiro lugar é «vamos morrer mas quero ter aquilo». Dizer que prefere morrer do que viver tantos anos pobre, escravo, humilhado, espezinhado, discriminado. É preferível morrer do que viver escravo, do

te. É preferível morrer lutando do que morrer acovardado, do que morrer com a cabeça curvada para baixo. Entre aquele que luta durante uma hora e mata vinte inimigos e aquele que vive 50 anos mas escravo, quem é que tem

1895, Gungunhana foi preso aqui, o Império de Gaza caiu. Mouzinho escreveu para Portugal a dizer que já tinha conquistado Moçambique. Continuámos a lutar e expulsámos o colonialismo português.

Hoje queremos informar aqueles que enviaram os bandidos armados para Moçambique que vamos correr com eles. Mas para onde irão eles? Porque Moçambique já está nas mãos do povo moçambicano. (Aplausos).

VENCER AS CAUSAS DA FOME

Portanto, sobre a fome na Província de Gaza, estamos de acordo que, em primeiro lugar, a causa principal da fome é a seca, porque há quase dois anos que não chove (o povo entoou uma canção sobre a produção). Falamos desta maneira porque já somos realmente independentes.

Vocês disseram na canção: «vivemos aqui, vivemos séculos e séculos do nosso suor, produzindo com a enxada na mão».

A chuva não caiu. E, quando chove, chove muito, há inundações. Lembra-se do ano de 1977? (Resposta: sim, lembramos). E quando não chove, os caçuleiros não produ-

calamidades naturais, da seca. É quando vocês produzem feijão e o vendem, compram roupa. Quando têm castanha e a vendem, compram roupa.

Quero responder as duas questões. Para se entrar no céu é preciso rezar. Quem se convince que é filho de deus, que foi por ele concebido e não reza, não vai para o céu, vai para o inferno. Quando não reza, deus vai rebebe-lo? Então para onde vai? Para o inferno, o diabo leva-o. Os religiosos dizem: peite, que reberberá; bate à porta, que se-te-á aberta. E que mais? (Algumas vozes, acrescentam: procura que acharás). Há alguém que diga: fica sentado, que reza? (Resposta em coro: NÃO).

Há, então, entendimento entre nós nestes pontos.

Vocês sabem que o Governo fez um apelo a muitos países. O Governo não esqueceu que as nossas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane, Manica, Sofala e uma parte de Tete — 6 províncias — são vítimas da seca. Nestas seis províncias há cerca de 4 milhões de moçambicanos.

Alguns países já responderam ao apelo do Governo da República Popular de Moçambique de envio de comida para apoiar o povo moçambicano, que é vítima das calamidades naturais, da seca. Países da Europa e da América estão a responder ao nosso apelo.

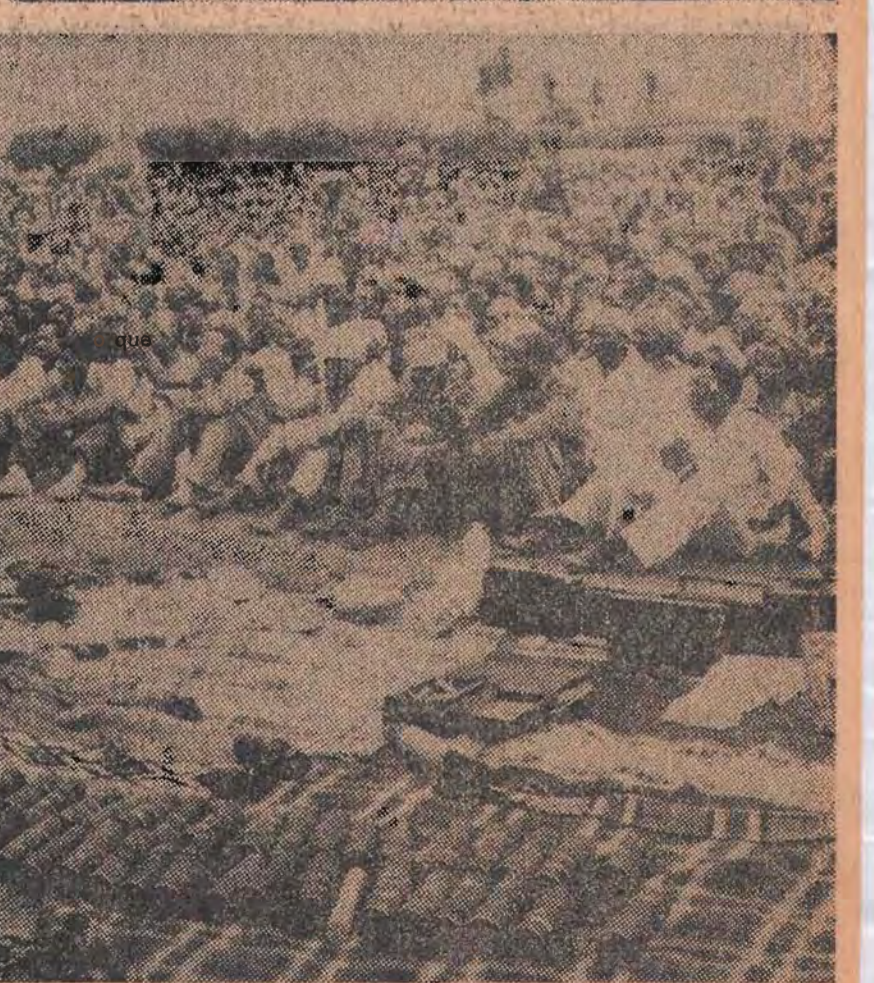
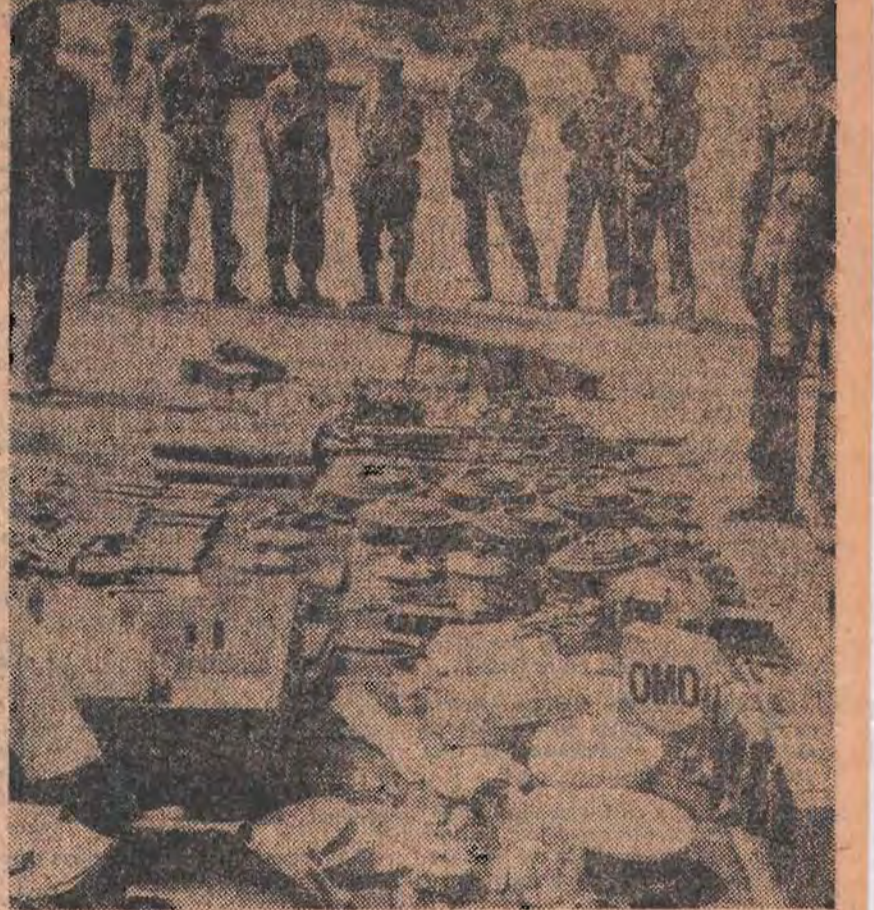
Muitos países do mundo respondem porque os povos, os governos sabem o que são as calamidades naturais na vida humana.

Por causa da seca, temos problemas de falta de água e, quando não temos água, não temos vida. Então, nessa altura somos vítimas de várias doenças. A falta de água traz como consequência uma série de doenças.

criminosos, o óleo de cozinha, o petróleo, as capulanas, as enxadas, as catanas, os machados, os pregos, os martelos.



Uma imagem, em primeiro plano, parte do material capturado aos bandidos armados nas operações efectuadas recentemente pelas FPLM em Gaza. Para além



uma imagem, em primeiro plano, parte do material capturado aos bandidos armados nas operações efectuadas recentemente pelas FPLM em Gaza. Para além

notícias n. 19/239 DIRECÇÃO, REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS R. Joaquim Lapa 55 Maputo — C.P. 327 Telef. 24081/2/3 Telef. Report. 23418 End. teleg. «Noticias» — Tx. 453 (Mpt) 7369 (Br) Delegações na Beira: Chimio Inhamitanga Namputa Pemba, Quilimane, Tete e Xai-Xai

PAZ E BEM-ESTAR CONSTROEM-SE COM FORÇA E TRABALHO DO POVO

(Continuado da anterior)

ses sabiam exercer o seu poder? (Resposta do povo: Sim.)

Limpávamos as estradas que permitiam ao colono ir abusar das mulheres na presença dos seus maridos.

Agora, quando dizemos limpem as estradas, para o Land-Rover, o Jeep, os soldados da Frelimo chegarem depressa às vossas casas, dizem que não!

Agora quando dizemos que é preciso limpar a estrada para que a ambulância chegue depressa, para que as crianças cheguem depressa à escola, não o fazemos.

Vocês não negam, mas somos nós que não sabemos governar.

O candongueiro desvia os produtos dos circuitos normais, mas o Governo não toma nenhuma medida. O trabalhador no comércio, no supermercado, na loja, rouba, mas não o punimos.

No seu tempo, Gungunhana tolerava isto? (Resposta do povo: Não.) E o que é que fazia? (Resposta do povo: Matava com uma lança.) E quando é que Gungunhana matava? Matava de noite ou de dia? (Resposta do povo: matava com uma lança, de dia.)

Sim. Matava com uma lança e dizia a razão por que a pessoa era morta. E apresentava-a a todos os presentes. Isto hoje não acontece conosco. Não castigamos severamente estes criminosos.

(Neste momento o povo entoou a canção *Khanimambo Frelimo*.)

Estamos agora invadidos por pilhões, pilgas, percevejos, carraças, estamos invadidos por todo o tipo de parasitas. E não sabemos como tirá-los.

São ladrões, saltadores à mão armada, especuladores, acambarcadores, traficantes, violadores de mulheres e meninos, candongueiros e bandidos armados.

Estamos invadidos por todo o tipo de parasitas e não sabemos como livrar-nos deles.

Por onde começar? Pela pulga? Pelo percevejo? Pelo pilhão ou pela carraça? Por onde começar a limpeza destas parasitas? Pelos bandidos armados? Pelos candongueiros? Pelos ladrões, ou pelos especuladores? Por onde começar a eliminá-los? (Resposta do povo: Todos são iguais.) Aqui em Gaza, diz-se que quando o quartel está invadido de percevejos, pilhões, carraças, tudo isto misturado às lândias, ferve-se a água numa panela muito grande, juntam-se os coberlotes e a roupa e mergulham-se na água a ferver, para matar todos os parasitas.

Para os que são religiosos, mesmo no tempo de Cristo, quando os bandidos quiseram tomar o templo para fazer comércio, o que é que ele fez? (Aplausos.)

Porque é que vocês os deixam vender na candonga? No tempo de Cristo, naquela época, os candongueiros chamavam-se vendilhões. Por causa da especulação, da candonga, Cristo pegou no chicote — não havia espigarda naquela altura; a sua arma era o chicote —. Nós dizemos que Cristo pegou no chicote e bateu. Não dizemos que matou. É bom que digamos a verdade: naquela confusão toda, alguns morreram. Cristo matou ali; outros ficaram feridos.

Quando se pega em qualquer instrumento do poder, é para se estabelecer a ordem pela violência. A violência é necessária no exercício do poder.

A candonga, a especulação, o acambarcamento, o roubo, são aliados da prostituição. Onde há roubo, onde há acambarcamento, onde há ladrões e candonga, há também violência. Estes são ao mesmo tempo assassinos.

Tudo isto se pune! No tempo de Cristo, as prostitutas eram mortas. Mas era outro tempo... (O povo recorda que no Império de Gaza as prostitutas eram colocadas de cócoras e espetava-se-lhes uma estaca até ao chão.)

Era no tempo do Gungunhana. Mandava-se acorrentar as prostitutas e espetava-se uma estaca afiada até ao chão. Essa era a violência daquele tempo.

Mas agora chegamos nós, da Frelimo, e dizemos que as prostitutas não devem ser mortas. Basta a crítica.

Mas não era só Gungunhana que mandava matar este tipo de gente. Cristo mandou apedrojar Madalena. Nessa época uma prostituta não podia ser tocada. Era uma pessoa impura. Por isso era morta à pedrada.

A candonga e a prostituição estão intimamente ligados. Terá valor o nosso povo quando misturado com candongueiros e prostitutas?

Os candongueiros são criminosos. São ladrões profissionais, que estão a institucionalizar o roubo no nosso País; oficializam o acambarcamento. Eles são vendilhões da Pátria.

Imaginem um camião de quinze toneladas de abastecimento que sai do Maputo com destino a Gaza, ou mesmo dez camiões carregados de sal, de açúcar, de sabão; imaginem camiões carregados de enxadas, catanas e machados; camiões carregados de capulanas e lenços, que desaparecem pelo caminho. Esses camiões voltam vazios para Maputo: as mercadorias desapareceram, mas não chegaram ao Xai-Xai. E vamos fazer crítica neste caso? Vamos chamar os membros do Partido para criticarmos o elemento que roubou e fez desaparecer as mercadorias? Se não resolvemos o problema da candonga, também não resolveremos a questão do abastecimento do povo.

Imaginem outros casos. Um camião sai da fábrica de cerveja na Machava, para ir abastecer o Hotel Polana com cerveja «2M». Da Machava para o Hotel Polana a cerveja desaparece. O Hotel não é abastecido mas o camião regressa vazio à fábrica.

Vamos fazer uma reunião para criticar?

Onde está o poder?

Aviões barcos, camiões, desembarram produtos na cidade de Maputo: Desembarram-se toneladas de camarão no porto de Maputo. Camarão que é uma fonte importante de divisas para o País. Sair do país para o frigorífico é o mesmo que sair de Maputo. Sair do país para o frigorífico é o mesmo que sair de Maputo para Nova Iorque, de Maputo para Londres ou de Maputo para Moscovo.

O camarão é desembarcado e desaparece entre o cais e o frigorífico. Vamos fazer crítica?

Um camião sai de Maputo para Inhambane carregado de mercadorias, e no percurso desaparece a mercadoria. Vamos fazer crítica?

Isto é governar? Isto quer dizer que quem governa são os ladrões.

PUNIR COM RIGOR

Nas lojas não há produtos, mas na candonga há de tudo. Alguns em Maputo, onde nós estamos, transformaram as suas casas em supermercados e em lojas de elite. Os pescadores, em Maputo, já nem querem vender o peixe em metical; dinheiro nacional. Só querem em dólares e em libras. Dizem que o peixe fala Inglês...

Por isso, para eliminar a candonga, temos de exercer realmente o poder. É necessário o exercício efectivo do poder. Temos de governar!

Tudo neste País está na candonga. São as fechaduras, os medicamentos e até os registos estão sob a candonga. Para registar o nome há suborno, há candonga; para registar o casamento, para o filho passar na escola há candonga. Isto parece terra de ninguém!

Então por que estamos surpreendidos por haver bandidos armados?

Em toda a parte do mundo há este tipo de gente: ladrões, assassinos, saltadores, violadores de mulheres e menores, raptadores, malfatores, perturbadores da ordem pública... E em toda a parte do mundo esta gente é punida com severidade. É punida e não são bandidos armados.

É preciso distinguir estas duas categorias.

Aquelas formam, no seu conjunto, a grande rede, o anel em que se envolve a candonga. Estão em contacto com a Suazilândia, com a África do Sul e outros países. Roubam pedras semi-preciosas, madeiras, roubam carros inteiros, fogões, geladeiras, roubam tudo o que tem mais valor e vendem lá fora. Estes são os candongueiros da cidade.

As nossas cidades estão cheias deste tipo de bandidos. São bandidos sem meté-los em água a ferver para limpar a nossa casa. (Aplausos).

Último assunto de nossa agenda: bandidos armados.

Não me vou demorar nesta questão dos bandidos armados. Vocês já os conhecem.

Quando falámos dos candongueiros, vimos que os bandos armados roubam o gado e que, por isso, temos

estes que violam mulheres, que raptam crianças, que assassinam, que roubam e destroem os bens da população? (O Presidente Samora Machel manda mostrar ao povo as armas capturadas aos bandidos, os rádios, práticos, panelas e outros bens que tinham sido roubados às populações).

Vejam o que eles andavam a roubar!



Quatro jovens que tinham sido raptados pelos bandidos, conseguiram fugir para virem denunciar às Forças Armadas de Moçambique, a localização daqueles. O Presidente Samora Machel apresentou-os à população, sublinhando o seu heroísmo.

armas, representantes dos bandidos armados.

Nas cooperativas, na Organização da Juventude Moçambicana, na Organização da Mulher Moçambicana, roubam dinheiro; nas fábricas de açúcar, de chá, destroem as máquinas. Roubam e não são punidos. Roubam nas repartições do Estado: Registos, Escolas, Hospitais e Ministérios.

Essa gente rouba mil contos e depois diz: façam o favor de me criticar. Nós devemos punir pelo roubo de um metical, de cinquenta centavos. Temos de punir com rigor. (Aplausos).

Em toda a parte temos de punir essa gente com rigor.

É verdade que temos dificuldades, mas uma das maiores dificuldades são os candongueiros. Abusam do nosso poder. Violentam a sociedade, transgridem as leis da República Popular de Moçambique. Mas nós vamos punir severamente. (Aplausos).

Esses ladrões profissionais, que já existem aqui em Moçambique, embora felizmente ainda não se tenham consolidado, quando não encontram nada para roubar, roubam até o seu próprio chapéu, a sua própria camisa, para não perderem o hábito e a prática de roubar.

Fome, nudez, candonga — tudo isto está interligado. O candongueiro é o bandido armado contra a economia nacional, contra o nosso desenvolvimento, para que haja miséria, fome e nudez em Moçambique. É o suporte do subdesenvolvimento e da miséria, de quem os candongueiros são adoradores para melhor poderem actuar. Os candongueiros ficam satisfeitos quando não há produtos. Quando falta roupa, géneros, ficam satisfeitos e dizem: a nossa tarefa está a avançar!

Nestes próximos dias o vosso Governador vai-vos informar sobre a maneira como vamos acabar com os candongueiros, os percevejos, as carraças. Todos esses parasitas vamos

Abaixo o bandido armado!

A Luta Continua!

(Nesta altura, o Presidente Samora Machel mostra códigos de transmissão, rádios, computadores encontrados com os bandidos armados).

Vejam estes códigos de transmissão. Pensam que estes javalis podem utilizar estes códigos?

Independência ou morte, Venceremos!

Os bispos católicos de Moçambique dizem que é preciso estabelecer a concordia e a paz. Com estes?

Independência ou morte, venceremos!

Só vim cá para ouvir as vossas preocupações e apresentar-vos as minhas felicitações, sobretudo pela vossa combatividade, por em poucos meses se terem libertado dos bandidos armados, de terem limpo a vossa província dos bandos armados.

Em Dezembro, enviámos Forças Armadas para a província, e em Janeiro reforçamo-las. Em Dezembro começámos a fazer algumas operações e em Janeiro desenvolvemos mais essas operações.

Mas constatámos que estes bandidos armados não são adversários, não são soldados. São mesmo bandidos!

Então definimos que se cercariam todos os lugares onde eles viviam e

onde tinham concentrado as populações raptadas.

O nosso Exército recebeu uma missão com três características: primeiro, cercar os bandidos armados; segundo, concentrar a força das nossas armas; terceiro, desencadear o combate. A missão principal consistia em desencadear um fogo intenso, durante um tempo determinado. E no lugar do combate, as nossas Forças deviam registar três acções.

E que, quem levar informação ao bandido, vai morrer com o bandido; quem levar comida para o bandido, vai morrer com o bandido; quem fizer negócio com os bandidos, vai morrer com os bandidos.

Portanto, temos três acções a registar. Primeiro nós queremos registar quantos mortos no lugar do combate. Segundo, registar quantos ficaram feridos, embora a nossa missão não seja a de ferir, pois o soldado da República Popular de Moçambique não dispara para ferir mas sim para matar. Infelizmente, temos encontrado alguns feridos. Vão dar-nos trabalho. É que os medicamentos são para o nosso povo, para o nosso soldado. E agora temos que tratar o bandido ferido! Terceiro, queremos registar quantos prisioneiros fizemos. Portanto, só queremos registar três coisas: mortos, feridos e prisioneiros.

ANIQUELAR O INIMIGO

Os bandidos entraram aqui há muito tempo. Sentiram o nosso fogo. Eles sabem quantos amigos deles morreram. Estes que estão aqui viram e sabem. E por isso que se entregaram. Entraram aqui há muito tempo mas não se entregaram. Logo agora entregaram-se, mas não foi por acaso. Sentiram o cheiro da pólvora da nossa arma, e o cheiro da pólvora é que os obrigou a render-se.

Como vocês vêem, estes não são normais. Primeiro, pelo seu aspecto personalizam a escória da sociedade, o que há de pior dos marginais. Segundo, são assassinos, todos eles mataram.

Todos estes vão-nos mostrar as bases deles. Terão que nos dizer, cada um deles, quantas pessoas mataram em quantas operações de roubo, de saque participaram, quantas canfinas roubaram, quantos machimbos incendiaram, quantos comboios descarrilaram, quantas cabeças de gado roubaram, quantas mulheres andaram a violar.

Estão a ver este aqui? Entregou a sua filha grávida aos bandidos. Ele

vai dizer-vos tudo, qual foi o objectivo que o levou a entregar a sua filha aos bandidos.

(Este bandido armado contou, em poucas palavras, como amarrado a filha e a entregou aos bandidos. Em seguida, o Presidente Samora Machel apresentou um grupo de jovens que tinham sido raptados pelos bandidos armados mas que conseguiram escapar-se e indicar às FPLM onde se encontravam os bandidos).

Finalmente quero agradecer à Província de Gaza, através de vós, os problemas que aqui expuseram. Não são problemas de Chibuto, de Manjacaze, de Guijá, de Chókwé, de Macia. São problemas de todo o nosso país. Os problemas aqui levantados preocupam profundamente a gente do campo.

lignação que existe entre a população e as Forças Populares de Libertação de Moçambique. Esta vitória foi possível porque existe esta cooperação.

Tran- outras Províncias afectadas pelos bandidos armados. A experiência demonstra que a vitória é certa e rápida quando o povo coopera com o Exército (Aplausos).

Do Rovuma ao Maputo, os bandidos serão fuzilados. (Aplausos prolongados.)

Obrigado, população de Gaza! Obrigado, população do Chibuto! Khanimambo Frelimo!

A LUTA CONTINUA! INDEPENDÊNCIA OU MORTE, VENCEREMOS!

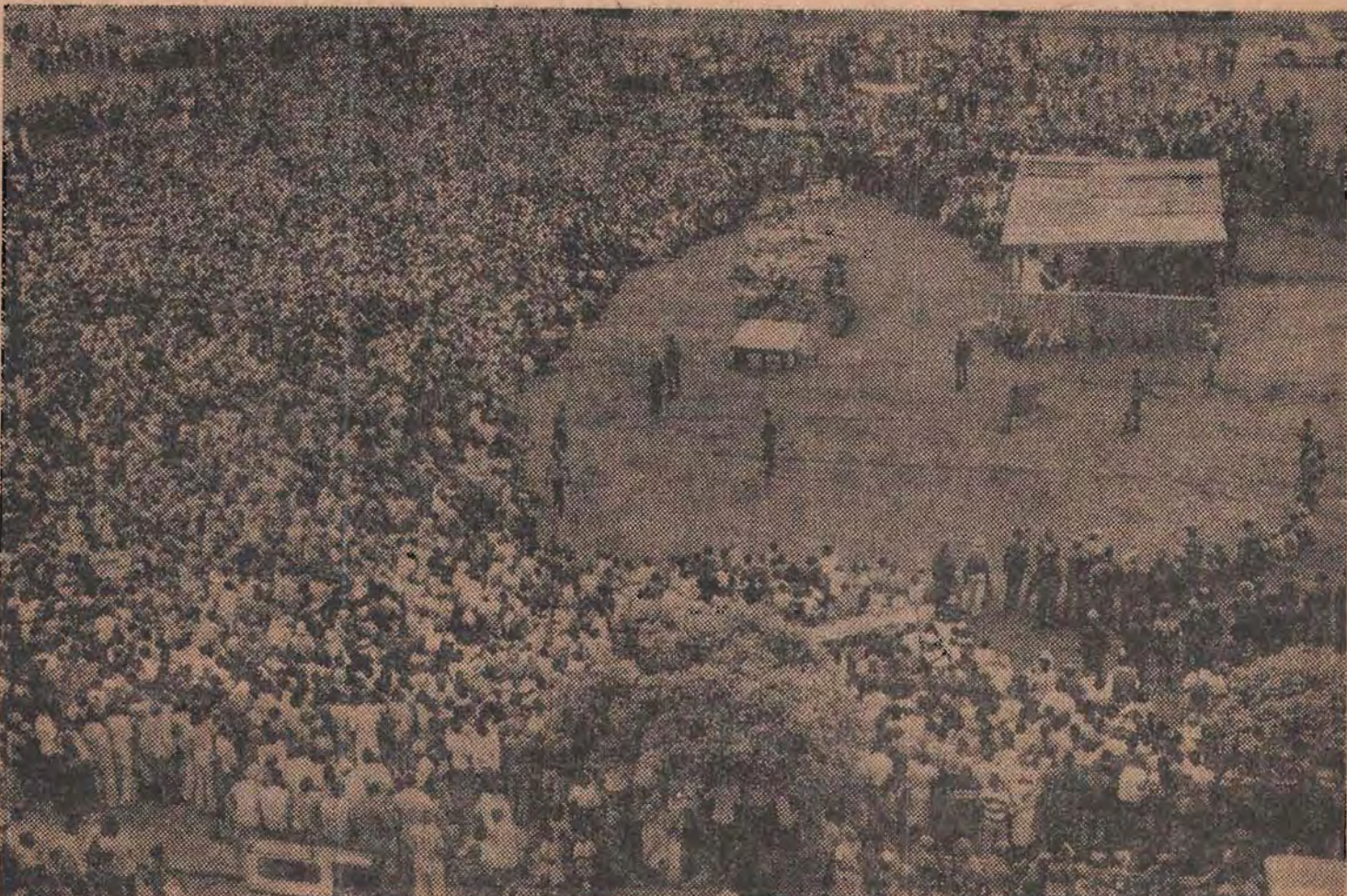
lignação que existe entre a população e as Forças Populares de Libertação de Moçambique. Esta vitória foi possível porque existe esta cooperação.

Tran- outras Províncias afectadas pelos bandidos armados. A experiência demonstra que a vitória é certa e rápida quando o povo coopera com o Exército (Aplausos).

Do Rovuma ao Maputo, os bandidos serão fuzilados. (Aplausos prolongados.)

Obrigado, população de Gaza! Obrigado, população do Chibuto! Khanimambo Frelimo!

A LUTA CONTINUA! INDEPENDÊNCIA OU MORTE, VENCEREMOS!



Aspecto geral do comício em Chibuto. Durante cerca de quatro horas, a população de Gaza escutou o Chefe do Estado rejeitar a ligação íntima que existe entre bandidos armados, candongueiros, a fome e a nudez.



Nas faces destes bandidos armados apresentados durante o comício se reflecte o peso da ignomínia, a impossibilidade de incan- rem de frente o povo que traíram, roubaram e massacraram.